

## “VISÕES E REVELAÇÕES”

Compelido pela força da circunstância, Paulo havia se igualado aos seus críticos, apelando para seu *curriculum* ou formação (11:12), para os perigos que enfrentou a fim de anunciar a Cristo (11:23) e para seu cuidado constante com as igrejas que ele havia estabelecido (11:28). Em tudo isso, o apóstolo acreditava que a humilhação que o mundo lhe ocasionou confirmava seu serviço a Deus.

Tentar julgar os motivos de Paulo em sua auto-defesa é difícil, contudo é improvável que o apelo às visões e revelações que ele recebeu do Senhor fosse uma observação confusa e diversa no capítulo 12. Seus oponentes provavelmente afirmavam ter recebido revelações diretamente de Cristo. As revelações dadas ao apóstolo pelo Senhor, assim como outros dons, excediam qualquer atributo que esses críticos alegassem possuir. Ao mesmo tempo, Paulo não disse que suas visões eram para sua glória pessoal. Ele se gloriaria somente em sua fraqueza (12:5). Paulo não se permitiria ser arrastado para uma batalha em que suas credenciais – inclusive as relativas a visões e revelações – redundassem em glória para si mesmo.

### “VISÕES E REVELAÇÕES DO SENHOR” (12:1–6)

<sup>1</sup>Se é necessário que me glorie, ainda que não convém, passarei às visões e revelações do Senhor. <sup>2</sup>Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) <sup>3</sup>e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) <sup>4</sup>foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir. <sup>5</sup>De tal coisa me gloriarei; não, porém, de mim mesmo, salvo nas minhas

fraquezas. **“Pois, se eu vier a gloriar-me, não serei néscio, porque direi a verdade; mas abstenho-me para que ninguém se preocupe comigo mais do que em mim vê ou de mim ouve.”**

**Versículo 1.** Paulo continuou a desenvolver o tema do “discurso de um louco” iniciado em 11:16. As críticas levantadas contra o apóstolo por seus adversários, juntamente com a débil defesa à sua pessoa da parte da igreja (veja 12:11), exigiram que ele determinasse tanto seu direito à palavra quanto sua autoridade – o que obrigou a igreja a ouvi-lo. Paulo reconheceu a ironia de ter de se orgulhar de sua fraqueza. Mesmo assim, os cristãos de Corinto não lhe deixaram outra escolha. Empregando as palavras **necessário** e **me glorie**, o apóstolo confessou que as circunstâncias o obrigavam a falar em defesa própria. Ele estava sendo colocado numa posição que odiava. Um capítulo atrás, ele havia escrito: “Porque não é aprovado quem a si mesmo se louva, e sim aquele a quem o Senhor louva” (10:18). Depois de concordar que era necessário gloriar-se, Paulo acrescentou: **não convém** [οὐ συμφέρων, *ou sumferon*]. A frase pode ser expressa mais acuradamente pelas palavras: “Tenho de me gloriar, ainda que isto não seja lisonjeiro”.

Os oponentes de Paulo provavelmente impressionaram os coríntios com a alegação de que tinham recebido **visões e revelações** extraordinárias **do Senhor**. Esta é a única vez que Paulo usa em suas cartas a palavra “visões” (ὄπτασίας, *optasias*). Define-se “visão” por “um evento de caráter transcendental que invade a mente”<sup>1</sup>. As visões de Paulo

<sup>1</sup> Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 717.

eram *invasões* de Deus em sua mente que transmitem uma mensagem de origem divina. O apóstolo nunca fez nenhuma demonstração pública de sua comunicação pessoal com Deus. Ele nunca pensou que isso fosse necessário. As “visões e revelações” de Deus não eram temas a serem explorados visando melhorar sua posição entre outros cristãos. Ainda assim, as circunstâncias exigiam que ele fosse claro. Por mais incômodo que fosse gloriar-se de ter recebido essas “visões e revelações” do Senhor, Paulo afirmou que elas se equiparavam ou superavam as experiências de seus oponentes.

**Versículo 2.** Seja para efeito dramático, seja por modéstia, Paulo iniciou a narrativa de sua visão extraordinária como se estivesse falando de outra pessoa. A declaração **conheço um homem em Cristo**, sem comentários adicionais, sugere que ele se referia a outro homem que não ele. Só mais tarde, em 12:7, fica claro que esse homem era o próprio Paulo: **foi arrebatado até ao terceiro céu**. A revelação que Paulo descreveu aos seus leitores não foi a única vez em que Deus falou com ele numa visão, embora a palavra “visão” nem sempre seja usada com referência a esses incidentes. Em Trôade, um homem lhe apareceu numa visão, dizendo: “Passa à Macedônia e ajuda-nos” (Atos 16:9). Em Corinto, ele foi exortado por Deus numa visão durante a noite (Atos 18:9). Atos usa a palavra ὄραμα (*horama*), “visão”, em 16:9 e 18:9, que é sinônimo do vocábulo usado em 2 Coríntios 12:1.

Alguns comentaristas têm especulado que Paulo descreveu a visão dessa forma para explicar algum defeito seu conhecido dos coríntios. Esse motivo ainda não é suficiente para justificar a escolha do apóstolo de iniciar a narrativa com a visão na qual Deus o transportou para o terceiro céu. Uma possibilidade é que Paulo escolheu essa visão específica porque a considerou o ápice de todas as experiências sobrenaturais que ele teve com Deus. Talvez ele tenha experimentado uma intensidade de sentimento e uma percepção da profundidade da mensagem que Deus estava lhe dando num nível em que, por si só, a visão constituía uma grande lição.

Paulo não tinha certeza se a visão envolveu o arrebatamento físico real de seu corpo. A incerteza sobre o que ele viu, comparada ao movimento do seu corpo, levou-o a explicar: **(se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe)**. Outros trechos bíblicos relatam transportes no corpo ou fora do corpo. Elias, por exemplo, foi levado para o céu na

forma corpórea (2 Reis 2:11). As visões de Ezequiel, por outro lado, parecem ter ocorrido fora do corpo (8:3). Se Paulo foi ou não transportado para o céu no corpo era um detalhe irrelevante. O importante era que Deus havia honrado Paulo grandemente, concedendo-lhe tal experiência.

Paulo lembrou que aquele que recebeu essa visão foi “arrebatado ao terceiro céu”. Ele usou o verbo ἀρπάζω (*harpazō*), traduzido por “arrebatar”, também em outros textos para o momento em que o Senhor arrebatou Seus escolhidos a fim de que compareçam perante Ele (veja, por exemplo, 1 Tessalonicenses 4:17). A expressão “terceiro céu” tem um significado incerto. A explicação de certos estudiosos da Bíblia de que o “primeiro céu” é a atmosfera onde os pássaros voam, o “segundo céu” é onde estão as estrelas e o “terceiro céu” é o lugar onde Deus habita tem aparência de sabedoria, mas há poucas evidências no mundo contemporâneo de Paulo para apoiar esse palpite. Alguns judeus da época de Paulo se referiram a um quinto ou sétimo céu. Nada relacionado a um “terceiro céu” sugere que os judeus ou os não judeus usassem essa expressão exclusivamente para o lugar onde Deus habita. É provável que essa referência a um “terceiro céu” signifique que foi mostrada ao apóstolo a parte mais sagrada dos céus, o lugar da própria habitação de Deus. Outras conclusões são difíceis de se tirar. Colin G. Kruse comentou:

...a experiência de ser levado ao terceiro céu colocava o apóstolo no mesmo nível dos grandes heróis da fé e, ao alegar tal experiência, Paulo pôde nocautear totalmente seus oponentes. É, portanto, ainda mais notável que ele não tenha tirado o máximo proveito disso. Depois de revelar esse fato, ele rapidamente desvia o olhar para a sua fraqueza como sendo o único terreno seguro em que poderia se gloriar.<sup>2</sup>

Os adversários de Paulo, é o que se presume, alegaram ter tido muitas experiências com visões. O apóstolo poderia ter feito o mesmo, mas o evento que ele relatou foi muito além de tudo o que seus oponentes alegaram. O momento em que o incidente aconteceu parece irrelevante, porém, ele disse, de passagem, que tinha sido **há catorze anos**.

Alguns estudiosos da Bíblia adotaram uma cronologia rasa da vida de Paulo compilada a partir de: 1) acontecimentos da vida de Paulo registrados

<sup>2</sup> Colin G. Kruse, *The Second Epistle of Paul to the Corinthians*, Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987, pp. 202-3.

em Atos, 2) observações superficiais registradas nas cartas do apóstolo e 3) uma harmonização das informações bíblicas com acontecimentos identificáveis registrados por historiadores seculares<sup>3</sup>. A referência a “catorze anos” anteriores à composição de 2 Coríntios significa que a visão que Paulo descreveu em 12:2 ocorreu num intervalo específico: algum momento após a igreja de Jerusalém mandá-lo de volta a Tarso (Atos 9:30) e antes de ele começar a trabalhar com Barnabé (Atos 11:25, 26). A visão é ainda mais fascinante porque ocorreu num período da vida de Paulo sobre o qual a Bíblia praticamente não dá informações.

Provavelmente, é apenas uma coincidência o fato de que a visão descrita por Paulo ocorrera catorze anos antes da composição de 2 Coríntios e que um intervalo de catorze anos separou as visitas de Paulo a Jerusalém. A primeira viagem a Jerusalém pode ter sido logo após sua conversão, e a segunda, quando teve a companhia de Barnabé (Gálatas 2:1). No entanto, alguns comentaristas sugerem que os catorze anos que Paulo mencionou em 2 Coríntios 12:2 são os mesmos catorze anos citados em Gálatas 2:1. Isto implicaria que Paulo tinha em mente a viagem a Jerusalém mencionada em Atos 15. O resultado desse argumento apontaria que a visão a que Paulo se referiu aqui é a que teve na estrada para Damasco.

O ponto fraco desse palpite começa com uma interpretação forçada do texto de 2 Coríntios 12:1 e 2. Ainda que esse obstáculo seja superado, a teoria requer que a viagem de Paulo a Jerusalém mencionada em Atos 11:30 jamais tenha acontecido. Além disso, essa interpretação não explica claramente por que Paulo usou a viagem a Jerusalém de Gálatas 2:1 como ponto de referência para 2 Coríntios 12:1 e 2. Todavia, todos esses argumentos caem por terra, se os catorze anos de 2 Coríntios 12:2 forem diferentes dos catorze anos citados em Gálatas 2:1. E não são conclusivas as evidências em favor de que ambas as passagens se referem ao mesmo período.

As suposições propostas na segunda metade do século XX introduziram ao mundo acadêmico uma nova cronologia para a vida de Paulo. Esta ignora os anos de silêncio após a conversão de Paulo, enquanto ele esteve nas proximidades de

<sup>3</sup> Um bom exemplo disso é que a estada de Paulo em Corinto na primeira viagem pode se harmonizar com uma inscrição sobre o governo de Gálio em Corinto, o qual deu-se em torno de 51 d.C.

Tarso. As declarações em Atos que contradizem a nova cronologia são consideradas erros por ignorância ou distorções intencionais da parte de Lucas. Essa nova cronologia busca dados nas cartas de Paulo<sup>4</sup> e descarta o valor histórico de Atos. Essa reinterpretação foi, inicialmente, aceita por vários eruditos ou acadêmicos; porém, apesar da popularidade, não passou no teste de uma investigação minuciosa feita no decorrer do século XXI.

**Versículo 3.** Dando continuidade à sua dramatização, Paulo manteve na narrativa a referência a uma terceira pessoa: **e sei que o tal homem**. O apóstolo novamente atestou sua incerteza quanto ao ocorrido ser uma experiência corpórea. Normalmente, uma visão é, por natureza, uma experiência mental ou espiritual. Era de se esperar que uma visão acontecesse **fora do corpo** [“sem o corpo”; NAA], e não **no corpo**. Parece que Paulo estava dizendo que não tinha certeza se sua experiência foi uma visão ou se seu corpo físico foi realmente transportado para o terceiro céu.

Com as palavras **não sei, Deus o sabe** o apóstolo deixou para o Senhor determinar a experiência espiritual e seu envolvimento físico. Ele não queria discutir os detalhes técnicos do evento. Independentemente de envolver algum movimento do corpo, foi uma visão vívida e diferente de outras comunicações entre Deus e ele – e diferente de tudo que seus adversários tinham experimentado.

**Versículo 4.** “Paraíso” (παράδεισος, *paradeisos*) era um empréstimo da língua persa para o grego. Paulo havia falado de si mesmo como tendo sido “arreatado” (*harpazō*; veja 12:2) para o terceiro céu. Da mesma forma, ele dizia agora que fora **arreatado ao paraíso**. Para os persas, um paraíso era um grande parque fechado, bem irrigado e repleto de plantas e animais exóticos<sup>5</sup>. “Paraíso” ocorre só mais duas vezes no Novo Testamento (Lucas 23:43; Apocalipse 2:7), e sempre se refere ao plano celestial. Em sua visão na ilha de Patmos, João associou “a árvore da vida” com “o Paraíso de Deus”. Dessa forma, ele conectou o jardim do Éden ao Paraíso. Paulo usou “Paraíso” como outro nome para o terceiro céu e o lugar onde Deus habita. Em sua visão, Paulo, assim como João em Apocalipse 4:2 e

<sup>4</sup> John Knox tentou “apresentar, ilustrar e defender o devido método de usar as cartas de Paulo e o livro de Atos numa recapitulação da vida do apóstolo” em John Knox, *Chapters in a Life of Paul*, ed. rev., ed. Douglas R. A. Hare. Macon, Ga.: Mercer University Press, 1987, p. 53.

<sup>5</sup> Bauer, p. 761.

3, estava na presença de Deus. Usando a promessa de Jesus ao ladrão na cruz, os primeiros cristãos às vezes usavam essa palavra para descrever a morada dos justos enquanto aguardam a ressurreição<sup>6</sup>.

Outros documentos do antigo mundo judaico contêm testemunhos de alguém que foi elevado ao céu para ver maravilhas<sup>7</sup>. Da mesma forma, a visão de João em Patmos o levou ao plano celestial. Em cada caso, a visão desencadeou uma extensa obra literária. Ao contrário disso, Paulo foi breve. Ele disse que tinha ouvido **palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir**. Essa visão de Deus visava alcançar os ouvidos e olhos somente do apóstolo. A palavra “inefáveis”, ἄρρητος (*arrētos*), traduz um termo grego que só ocorre neste versículo do Novo Testamento; contém o alfa privativo, ou negativo, anexado a uma flexão de ῥήμα (*hrēma*), que significa “palavra”. Era um vocábulo comumente usado em antigas inscrições concernentes a religiões de mistério.

**Versículo 5.** Ainda falando da sua experiência como se fosse a de outro homem, Paulo informou que o encontro desse homem hipotético com Deus foi algo digno de ser proclamado. Em 12:5a, o apóstolo começou a sinalizar que falava de si mesmo: **De tal coisa me gloriarei**. Se era para se gloriar, disse ele, a visão que lhe dava tal direito; ainda assim, ele não era essa sua preferência.

Gloriar-se ou gabar-se de feitos ou da maneira pela qual Deus o exaltou era um exercício fútil. Mesmo considerando as dificuldades que ele suportou por Cristo, Paulo se recusou a se gloriar dessas experiências. O amor a Deus e à humanidade levou Jesus de Nazaré à cruz. Como discípulo de Jesus, Paulo não queria nenhuma glória pessoal; ele **não se gloriaria** de si **mesmo, salvo nas [suas] fraquezas**. O único fundamento do apóstolo para a autoaclamação era o fato de que Deus pegou uma pessoa tão fraca como ele e, através desse agente, realizou grandes coisas. Ao mesmo tempo, Paulo tinha em mente o motivo por que estava mencionando essa visão: era, no mínimo, para se equiparar a qualquer coisa de que seus adversários se gabassem. Visto que os coríntios se impressiona-

<sup>6</sup> Por exemplo, no *Evangelho de Nicodemos* 2.9–10, Adão, Enoque, Elias e o ladrão na cruz estão no paraíso. Em uma visão do paraíso, Esdras “viu ali Enoque, e Elias, e Moisés, e Pedro, e Paulo, e Lucas, e Matias, e todos os justos e os patriarcas” (*Apocalipse de Esdras*). Abraão, Isaque, Jacó e “a Virgem Maria” são citados como estando no paraíso no *Apocalipse de Paulo* 46–47.

<sup>7</sup> Essa experiência está registrada em 1 Enoque 39.3–4.

vam com visões, obrigaram o apóstolo a descrever sua experiência. Ele teve de exibir a própria insensatez diante de seus leitores.

**Versículo 6.** A essa altura, era óbvio que o homem que recebeu a visão era o próprio Paulo. As palavras: **Pois, se eu vier a gloriar-me, não serei néscio, porque direi a verdade** eliminaram qualquer ambiguidade. Por que ele escolheu relatar a visão referindo-se a uma terceira pessoa, como se não fosse ele? Um dos motivos poderia ser para fazer uma distinção entre a pessoa que ele era catorze anos atrás e a pessoa que os coríntios conheciam. Nesse caso, não estaria claro o tipo de distinção que o apóstolo queria destacar.

Outros motivos podem ter levado Paulo a tomar uma posição de distância dessa visão, a qual era uma proclamação da glória de Deus e de sua própria experiência humana. O meio que ele usou para abrir a distância entre a autorrevelação de Deus e sua participação no evento foi iniciar a descrição como se tudo tivesse ocorrido com outra pessoa. Assim, o apóstolo não hesitou em descrever aos leitores a visão que ele recebeu. Se tivesse anunciado o evento como prova do favor de Deus para com ele, também estaria dizendo a verdade.

Paulo não desejava aclamação pessoal, mas queria que seus leitores soubessem que sua mensagem era o testemunho de um homem que dizia a verdade. A razão pela qual ele se absteria de falar mais sobre o incidente com os coríntios encontra-se em 12:6b: era seu desejo **que ninguém se preocupe comigo mais do que em mim vê ou de mim ouve**. Ele queria que os irmãos o avaliassem com base nas experiências que tiveram com ele, e não na sua descrição de eventos pessoais de um passado distante, que os coríntios não poderiam averiguar. Por ora, ele só estava tomando a palavra porque seus oponentes o obrigaram a isso.

#### FRAQUEZA E PODER (12:7–13)

Paulo revelou seu coração nesta parte da carta. É improvável que a constituição física de Paulo, ou até sua força física, se encaixasse no padrão que o povo costumava idolatrar. Os leitores originais já tinham ouvido a seguinte queixa contra o apóstolo: “As cartas... são graves e fortes; mas a presença pessoal dele é fraca, e a palavra, desprezível” (10:10). Tanto amigos como adversários conheciam o comportamento de Paulo, sua falta de presença marcante e suas mensagens difíceis de compreender de nossa perspectiva. Algumas coisas não

mudam. Hoje, a maioria ainda forma as primeiras impressões baseando-se na aparência – impressões raramente descartadas.

Uma coisa é ter deficiências físicas; outra é permitir que estas reduzam as oportunidades que a vida lhe oferece. Talvez seja melhor que os atuais leitores da Bíblia desconheçam a natureza exata do “espinho na carne” de Paulo (12:7). A maioria das pessoas anda pelo mundo com menos do que um físico ideal, características faciais perfeitas, ou uma coordenação motora acima da média. Quando nos avaliamos, reconhecemos o nosso “espinho na carne”. Alguns espinhos penetram mais profundamente nos nervos e músculos do que outros. Pode-se viver lutando com doenças como a epilepsia ou com membros do corpo deformados ou ausentes. Os espinhos na carne vêm de muitas formas. Alguns são físicos, outros são sociais, e há também os psicológicos. Paulo talvez tivesse realizado mais, se o Senhor o livrasse de seu “espinho na carne”. O apóstolo, pelo menos, foi capaz de perceber que suas fraquezas apontavam para o Senhor, a quem ele proclamava e o qual é perfeito e maravilhoso.

**7E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte. 8Por causa disto, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. 9Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. 10Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte.**

**11Tenho-me tornado insensato; a isto me contrangestes. Eu devia ter sido louvado por vós; porquanto em nada fui inferior a esses tais apóstolos, ainda que nada sou. 12Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos. 13Porque, em que tendes vós sido inferiores às demais igrejas, senão neste fato de não vos ter sido pesado? Perdoai-me esta injustiça.**

**Versículo 7.** As opiniões dos comentaristas divergem quanto às primeiras palavras de 12:7

– **para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações** – fazerem parte do raciocínio anterior ou posterior. No texto grego, elas fazem parte do período gramatical anterior. Assim como a RA, a NVI as coloca coordenadas com a oração subsequente. O posicionamento da conjunção *διό* (*dio*, “para que”; 12:7a) favorece a pontuação dada no texto grego. No entanto, dada a revelação que Paulo recebeu contrasta com a fraqueza revelada na sua carne, a pontuação da RA se encaixa melhor. O **espinho na carne** foi posto para impedir o apóstolo de se exaltar. Embora Paulo tenha identificado esse “espinho” como “um mensageiro de Satanás”, ele evidentemente percebeu que Deus o permitiu com o bom propósito de ajudá-lo a desenvolver humildade. É melhor entender a primeira frase do versículo como a explicação da declaração que se segue; porém o sentido não se altera demasiadamente, seja qual foi a pontuação.

No decurso da visão ou logo depois, o apóstolo se deu conta de que a exaltação inerente à visão propiciava certa dificuldade. As especulações sobre o que o “espinho na carne” acarretava são intermináveis. A expressão é abrangente o suficiente para incluir quase tudo. As conjecturas tendem a classificar-se em uma dentre as quatro possibilidades abaixo:

1) Argumentam alguns que o espinho representava algum tipo de deficiência espiritual. Os defensores deste palpite costumam alegar que o “espinho” era algum obstáculo espiritual que fez os esforços e sofrimentos de Paulo serem menos eficazes do que poderiam ter sido.

2) A visão de outros é que poderia ser uma dificuldade de relacionamento, que consistia, por exemplo, na oposição dos mestres judaizantes ao concordarem com Paulo a respeito de Jesus ser o Cristo, exigindo, porém, que os gentios se submetessem aos requisitos étnicos da lei em sua conversão a Cristo.

3) Outros defendem que consistia na resistência à mensagem do evangelho em todo o mundo greco-romano. Judeus e gentios, cada um por razões próprias, perseguiram Paulo e outros que proclamavam a graça de Deus em Cristo. A mensagem do apóstolo às vezes não era ouvida porque, como disse ele em outro texto, “tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria” (1 Coríntios 1:22).

4) Algum tipo de doença física pode ter incapacitado o apóstolo, em intervalos temporários ou

permanentemente.

Duas observações são importantes à medida que analisamos as possibilidades. Primeiramente, a presença do “espinho”, seja ele o que for, na verdade impediu Paulo de fazer alguma forma. A enfermidade temporária ou crônica ou a deficiência era tão séria que Paulo implorou ao Senhor por alívio.

Certa noção do que Deus permitiu que Paulo suportasse por causa do “espinho na carne” pode ajudar o leitor a entender o que o apóstolo quis dizer quando escreveu: “E vós sabeis que vos preguei o evangelho a primeira vez por causa de uma enfermidade física” (Gálatas 4:13). Um conhecimento mais detalhado pode nos ajudar a avaliar o significado de declarações como a de 1 Coríntios 15:32a: “Se, como homem, lutei em Éfeso com feras, que me aproveita isso?” A luta de Paulo com feras, caso o sentido aqui seja literal, pode ter algo a ver com o fato de ter sido ele colocado na arena com feras ou de ter sobrevivido à tribulação.

Por que os críticos de Paulo disseram que “... a presença pessoal dele é fraca, e a palavra, desprezível” (2 Coríntios 10:10)? Como um “espinho na carne” poderia colaborar para o seu apedrejamento em Listra (Atos 14:19) ou para sua recuperação do apedrejamento? O naufrágio em Malta (Atos 28:1) ou seus dois anos de prisão em Cesareia (Atos 24:27) ou em Roma (Atos 28:30) teriam uma interpretação diferente, dependendo do tipo de “espinho” que o apóstolo teve de suportar. Estaria esse “espinho” relacionado aos açoitamentos públicos ou a outros sofrimentos (2 Coríntios 11:24, 25)? Embora quem estuda a Bíblia não consiga identificar precisamente o que era o “espinho na carne” de Paulo, uma coisa é muito evidente: gera algum benefício levar em conta essas possibilidades.

A segunda observação é que Paulo escreveu sobre seu “espinho na carne” na expectativa de que seus leitores soubessem do que se tratava. Tudo leva a crer que ele julgou de pouca utilidade dar aos coríntios uma explicação da tal deficiência. Qualquer que fosse o seu “espinho”, os coríntios estavam bem cientes do que ele era. Considerando o que o apóstolo disse sobre a vergonha pública, o gloriar-se e a insensatez, é improvável que ele ou seus leitores considerassem vergonhoso o “espinho” que ele carregava. Lemos no fim de Gálatas: “...eu trago no corpo as marcas de Jesus” (6:17). Talvez uma dessas “marcas” fosse seu “espinho na carne”. O apóstolo não parecia tentar esconder o

“espinho”, fosse o que fosse. Os irmãos coríntios sabiam qual era a dificuldade que o impedia de trabalhar para o Senhor.

O “espinho” que Paulo carregava certamente não era alguma deficiência espiritual, como um temperamento explosivo ou um espírito avarento. Levando em conta que ele advertiu: “Cada um permaneça na vocação em que foi chamado” (1 Coríntios 7:20, 26), é difícil imaginar que Paulo tivesse alguma impulsividade sexual (como as que listou em 6:9). O apóstolo dos gentios, sem dúvida, era assediado pelas mesmas fragilidades humanas que atormentam os homens universalmente. Ele se incluiu quando disse: “... todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Romanos 3:23); mas não praticaria persistentemente um comportamento contraditório que colocasse suas responsabilidades espirituais sob escrutínio público (veja 1 Coríntios 11:1).

Outro palpite igualmente improvável é que o “espinho” de Paulo consistisse na oposição e no sofrimento decorrentes da pregação do evangelho. Em primeiro lugar, Paulo sinalizou que o sofrimento por Cristo era, para ele, um benefício espiritual positivo. Em outra carta, ele foi bastante ousado ao dizer: “Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do Seu corpo” (Colossenses 1:24). É difícil entender como um “espinho na carne” que o apóstolo implorou ao Senhor para remover poderia ser, ao mesmo tempo, motivo de alegria. Paulo parecia alegrar-se com o sofrimento porque sofrendo ele participava da redenção de pecados de gentios e judeus. O sofrimento fazia parte da glória de que Paulo desfrutava, e não só o “espinho” incoerente com o seu ministério.

O “espinho” de Paulo provavelmente não era tão sutil quanto a rejeição que ele sofreu da parte dos mestres judaizantes. Aparentemente, era alguma deficiência debilitante impossível de esconder. Poderia ser epilepsia, talvez alguma doença oftálmica, de pele, no rosto, ou na cabeça. As possibilidades são tão infinitas quanto as doenças incapacitantes que acometem os seres humanos. O “espinho” parecia ser algo visível a todos que conheciam o apóstolo – até para quem o via pela primeira vez.

É provável que o “espinho” não o infligiu na época de sua conversão. A experiência de Paulo na estrada para Damasco parece ter sido anterior

à visão de catorze anos atrás. Retroceder catorze anos antes da composição de 2 Coríntios (cerca de 56 d.C.) data a visão em que ele foi levado ao paraíso em 42 d.C. A maioria dos estudiosos da vida de Paulo acredita que sua conversão ocorreu entre 35 e 37 d.C., dois a quatro anos após a pregação de Pedro no Pentecostes. Assim sendo, a visão que Paulo mencionou aos coríntios não equivale à aparição de Jesus no momento de sua conversão.

Só podemos especular que, após ser convertido, Saulo de Tarso ainda teve muito a aprender sobre Jesus e a submissão a Ele, e sobre humildade. No período em que esteve em Tarso e nas adjacências (Atos 9:30), antes de Barnabé levá-lo para Antioquia da Síria, Paulo precisou entender bem o custo que pagaria por pregar o evangelho. No terceiro céu, ele aprendeu essa lição valiosa. O apóstolo “ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir” (12:4). No intuito de impedi-lo de imaginar que a visão o tornava superior aos demais servos do Senhor, Deus permitiu que o diabo lhe infligisse um “espinho na carne”.

Não sabemos quando o “espinho” de Paulo começou a se manifestar. Talvez alguns dos açoitamentos ordenados por judeus nas sinagogas, os naufrágios ou as punições aplicadas por varas romanas (11:24, 25) tenham ocorrido nos anos que ele passou na Cilícia, após a conversão. Alguns resultados físicos desses maus-tratos podem ter efeitos permanentes. Por outro lado, na hipótese de o “espinho” de Paulo ser alguma doença infecciosa, os sintomas podem ter começado a se manifestar nos anos em que ele esteve em Tarso, sobre os quais pouco sabemos. A malária ou alguma outra doença que deixa sequelas pode ter cometido o apóstolo.

A palavra grega traduzida por “espinho” (σκόλοψ, *skolops*) pode significar qualquer coisa pontiaguda, talvez uma lança comprida, uma farpa ou um espinho. O contexto indica que a tradução “farpa” seria suave demais e “lança comprida”, extrema demais. “Espinho” é a melhor tradução, porém não exprime a natureza da enfermidade de Paulo. Da mesma forma, recorrer a declarações registradas em outras cartas do apóstolo acrescenta poucas informações úteis. É difícil determinar quando ele estava sendo literal e quando falava figuradamente em relação às suas responsabilidades físicas. Nenhuma das suas declarações relativas a uma deficiência que tivesse acompanhado sua carreira missionária esclarece os detalhes da

sua condição.

Talvez o palpite mais comum sobre a enfermidade física que teria acometido Paulo seja uma doença ocular. Quando ele quis destacar aos gálatas o amor que tinham em comum, escreveu: “E vós sabeis que vos preguei o evangelho a primeira vez por causa de uma enfermidade física<sup>8</sup>” (Gálatas 4:13). Mesmo durante sua doença, os cristãos da Galácia o trataram como um anjo de Deus. Em seguida, Paulo acrescentou: “Pois vos dou testemunho de que, se possível fora, teríeis arrancado os próprios olhos para mos dar” (Gálatas 4:15). Embora “arrancar os olhos” seja uma figura de linguagem comum para um bem tão precioso, Paulo pode ter usado essa expressão porque sua “enfermidade física” tinha algo a ver com os olhos. A declaração é ambígua o suficiente para não termos certeza em afirmar que seu “espinho na carne” era uma doença ocular.

Diante da possibilidade de que Paulo sinalizou em Gálatas sofrer de uma condição crônica nos olhos, muitos leitores da Bíblia veem outras referências tentadoras em suas cartas. Em outros textos, notam-se indícios de que a visão era um problema para ele. Na Segunda Epístola aos Tessalonicenses, por exemplo, Paulo sugeriu que cartas – que ele não havia escrito (2 Tessalonicenses 2:2) – poderiam estar circulando assinadas com seu nome. Visando atestar quais cartas eram de sua autoria, ele escreveu: “A saudação é de próprio punho: Paulo. Este é o sinal em cada epístola; assim é que eu assino” (2 Tessalonicenses 3:17). A isso, pode-se acrescentar: “Vede com que letras grandes vos escrevi de meu próprio punho” (Gálatas 6:11). E ele terminou Colossenses com as palavras: “A saudação é de próprio punho: Paulo” (Colossenses 4:18). Concluimos somente que algumas evidências sugerem que deficiência visual era um problema físico persistente que acometia o apóstolo. Se “espinho na carne” equivalia a essa deficiência visual, não sabemos.

Paulo identificou seu “espinho na carne” como um **mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte**. As perguntas sobre Satanás, seu poder e interações com Deus e com os seres humanos estão entre as mais intrigantes

---

<sup>8</sup> A expressão grega traduzida por “por causa de uma enfermidade física” em Gálatas 4:13 é *δι' ἀσθένειαν τῆς σαρκός* (*di astheneian tēs sarkos*), que significa literalmente “por causa de uma fraqueza da carne”. É um termo amplo o suficiente para incluir doença ou deformidade física.

da Bíblia. Satanás não é a Divindade. Ele não é um deus mau, embora no imaginário popular seja, por vezes, retratado dessa forma. Ele não deve ser visto como um ser todo-poderoso em justaposição ao bom Deus que se revelou em Jesus Cristo. Se excluíssemos o acusador do livro de Jó, “Satanás” praticamente seria inexistente no Antigo Testamento. O nome dele só aparece uma vez em 1 Crônicas 21:1 e três vezes em Zacarias 3:1, 2. No Novo Testamento, porém, ele é comumente citado, especialmente no Apocalipse e ocorre duas vezes em 2 Coríntios (2:11; 11:14).

Posto que Satanás não é um deus e só pode fazer o que Deus permite que ele faça, como o “espinho na carne” de Paulo podia ser “um mensageiro [ἄγγελος, *angelos*] de Satanás”? O que Satanás tinha a ver com isso? As respostas não são fáceis e tendem a especulação; mas são reais. Poderíamos até supor que o Espírito Santo, na medida em que agiu através de Paulo e das Escrituras inspiradas, pareceu lançar aos leitores da Bíblia um convite à especulação.

O apóstolo teve o cuidado de dizer que o “mensageiro de Satanás” acabou por cooperar para o seu bem. O resultado de Paulo ser impedido de se exaltar foi que ele se aproximou ainda mais do Senhor. Parece que Paulo estava confessando que, sem o “espinho”, a visão que ele recebeu poderia ter resultado numa exaltação prejudicial. O “espinho na carne” de Paulo era um “mensageiro de Satanás”; mas, ao mesmo tempo, foi permitido por Deus. Tudo indica que Deus manteve Satanás sob o Seu controle. Qualquer poder que Satanás tenha no mundo só é possível devido ao pecado humano ou ao potencial do ser humano para pecar. Deus às vezes usa Satanás como uma ferramenta para trazer a justiça – pelo menos, Ele estava fazendo isso no caso de Paulo. Não entendemos exatamente como o poder de Satanás interage com os desejos da carne (Tiago 1:14) e o poder de Deus, mas uma coisa sabemos: o poder de Deus sempre prevalecerá. A justiça reinará. Satanás e seus apoiadores serão lançados para fora nas trevas.

**Versículo 8.** Da perspectiva do leitor moderno da Bíblia, a natureza precisa da deficiência de Paulo continua a ser um mistério. O benefício do “espinho” pode ser relegado ao que podemos aprender com perguntas pertinentes a esse tema. Paul Barnett acreditava que “pode ser vantajoso não saber. A própria abertura da identificação permite amplas possibilidades de aplicação pessoal

para uma vasta gama de sofrimentos pessoais, que seriam limitados por uma identificação precisa”<sup>9</sup>.

Qualquer que fosse seu “espinho na carne”, Paulo não se resignou imediatamente a ele. **Por causa disto, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim.** Deus havia permitido esse “espinho na carne” e Deus poderia tirá-lo. O papel que Satanás desempenhou no modo como Paulo carregou o “espinho” em seu corpo foi mínimo.

Algumas perguntas emergem: Por que Paulo pediu que Deus lhe tirasse o “espinho” precisamente três vezes? Por que o apóstolo não pediu mais vezes ou está implícito que ele pediu mais vezes? O pedido triplo tinha alguma relevância?

“Três”, assim como “sete”, é um número de importância simbólica na cultura israelita. Nem sempre sabemos se um número em determinado contexto tem significado literal, aproximado ou simbólico. Talvez Paulo quisesse dizer: “Eu perguntei ao Senhor várias vezes”. Outra possibilidade é que ele tivesse aceitado que a recusa tripla de Deus era suficiente. Depois de ouvir três vezes que o “espinho” não seria tirado, Paulo pode ter pensado que pedir novamente seria uma atitude impo-nente diante da bondade e paciência de Deus. Em algum momento, repetir um pedido a Deus pode passar a ser uma “vã repetição” (Mateus 6:7).

**Versículo 9.** A maioria dos comentaristas entende que a elaboração de Paulo na resposta de Deus aos seus rogos serviu de apoio à conclusão de que o “espinho” era a perseguição de seus compatriotas. Na recusa de tirar o “espinho”, Deus estava explicando a Paulo: **A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza.** Parte da grandeza do apóstolo estaria em suportar o “espinho”. Paulo ainda confessou que sem o “espinho” ele poderia ter uma visão demasiadamente elevada de si mesmo. A força divina ficava evidente para Paulo quando Deus realizava Sua vontade em face das fraquezas de servos como ele.

A palavra “gloriar-se” é recorrente neste trecho da carta. Os romanos costumavam fazer da vanglória uma virtude. As dimensões sociais da auto-exaltação eram visíveis. A declaração de Paulo era absolutamente revolucionária: **De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo.** Nem indi-

<sup>9</sup> Paul Barnett, *The Second Epistle to the Corinthians*, The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997, p. 570.

vidualmente nem coletivamente os cristãos de hoje conseguem realizar o que significa ser forte na fraqueza.

A glória, portanto, de todos os feitos de Paulo pertencia a Deus. A atuação do apóstolo, apesar de suas fraquezas (incluindo o “espinho”), mostrava que o poder de Cristo estava vivo e operante nele. Se a tolerância de Paulo com seu “espinho” significava que o nome de Deus receberia mais glória, então Paulo disse que suportaria isso de “boa vontade”. Ele anelava que Deus, e não ele mesmo, recebesse o louvor. Até em Jesus, recordou Paulo, Deus fez culminar em vitória o que parecia ser fraqueza. A inclinação do mundo é ver a execução, especialmente a de uma crucificação, como uma derrota. A última frase do versículo poderia ser assim traduzida: “...para que o poder de Cristo habite em mim”. O “poder de Cristo” manifestou-se quando Paulo, o indivíduo, estava fraco. Ele não tornaria a suplicar a Deus alívio das deficiências que carregava.

Não é difícil entender como a referência de Paulo a gloriar-se de suas fraquezas veio a ser aproveitada pelos que defendem um estilo de vida ascético. No Novo Testamento, há certa ambiguidade em relação à abnegação ser uma bênção ou algo inútil para a vida cristã. Os cristãos, muitas vezes, exaltam o valor do jejum, por exemplo, e rejeitam outras formas de abstinência. Parecem valorizar a abnegação numa situação e rejeitá-la em outra, pouco admitindo a incoerência de suas palavras. A questão é se “a abnegação em benefício próprio tem valor espiritual”. Quaisquer que sejam as demais implicações do “espinho na carne” de Paulo, é evidente que ele acreditava que suportá-lo – fosse ele um tormento físico ou emocional – era para a glória de Deus. O espinho manifestava o poder de Cristo habitando nele.

A abnegação – seja na forma de comida ou bebida ou abstinência sexual “por mútuo consentimento, por algum tempo, para [o indivíduo] se dedicar à oração” (1 Coríntios 7:5) – pode ter um benefício espiritual. Todavia, todo tipo de abnegação é um assunto privado, entre o cristão e Deus. Não é uma resolução para ser exibida nas esquinas (veja Mateus 6:16). Ascetismo era uma característica comum entre algumas escolas filosóficas da antiguidade. Paulo classificou os ascetas entre os que queriam encontrar um atalho para a vida com Deus. O apóstolo indicou que essas práticas só tinham aparência de sabedoria. Ele repreendeu

aqueles que “proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos, com ações de graças, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade” (1 Timóteo 4:3).

**Versículo 10.** A autoexaltação era uma especialidade dos adversários de Paulo em Corinto, e não do apóstolo. Traçando um acirrado contraste com seus adversários, ele escreveu: **Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo.** Muitos que se oferecem como servos de Cristo e de Sua igreja às vezes transformam a servidão em autoelogio. Os membros da igreja em Corinto nos anos 50 do primeiro século não estavam livres da contaminação por autopromoção. Empregando meios sutis ou explícitos, certos cristãos faziam questão de serem reconhecidas sua popularidade, realizações, capacitações, proximidade com Deus e até sua humildade.

As dificuldades de Paulo em Corinto surgiram, em parte, porque ele não tinha ambição ou vontade de se gabar de suas realizações. A aclamação pessoal estava muito distante dos objetivos de Paulo. Porque o apóstolo não se gloriou, os coríntios não reconheceram seu sacrifício e o fruto de seu trabalho. Então, ele se viu forçado a agir como um insensato gloriando-se de seus feitos (2 Coríntios 11:22–29). O apóstolo admitiu possuir poucas habilidades para a autopromoção. Não era dotado dos atrativos típicos dos “falsos apóstolos”. Provavelmente, ele não impressionou a igreja quando disse: **Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte.**

Se Cristo foi glorificado nas fraquezas, Paulo estava muito feliz por ser fraco, por sofrer injúrias, necessidades, perseguições, etc. Não poderia ser diferente. Paradoxalmente, suas fraquezas o tornaram mais forte porque o obrigaram a confiar nAquele cuja força nunca falha. No decorrer dos tempos, homens e mulheres movidos por firmes princípios deixaram marcas indelévels na humanidade. Jesus é exemplo dessa fortaleza. As pessoas que se promovem a si mesmas costumam ter uma visão curta só desta vida, viver em castelos e comandar exércitos. Paulo enfrentou homens que se promoviam bem. Em contrapartida, a reputação do apóstolo em Corinto foi prejudicada.

Paulo viu-se no papel do sofredor justo, um tema recorrente nas histórias do povo de Deus. Um elemento importante no livro de Jó é que o pa-

triarca nada fez para merecer o sofrimento que lhe sobreveio (Jó 1:8). O próprio Jesus havia sido perseguido e rejeitado por Seus conterrâneos, e Paulo estava seguindo esse padrão. O mesmo ciúme característico dos líderes judeus que rejeitaram a Cristo incitou a oposição contra Paulo. Esses oponentes provavelmente eram judeus que, dizendo-se revestidos da autoridade da igreja na Judeia, insistiam que Jesus de Nazaré só queria atualizar o judaísmo. Embora seja improvável que o “espinho” de Paulo correspondesse à rejeição e oposição que ele recebeu de seus próprios conterrâneos, a oposição dos mestres judaizantes contribuiu para a turbulência ao redor do trabalho do apóstolo para o Senhor.

**Versículo 11.** Em 11:16, Paulo começou seu assim chamado “discurso de um louco” atentando para a insensatez do autoelogio. No encerramento do discurso, ele retomou o mesmo pensamento. **Tenho-me tornado insensato**, escreveu ele; e com um *humeis* (“vós”) enfático, acrescentou: **a isto [vós] me constrangestes**. Paulo estava irritado porque o silêncio da igreja tornava necessário que ele se vangloriasse. Expor seus feitos não era seu costume. O apóstolo sabia que esse gloriar-se poderia silenciar seus oponentes. O autoelogio era um preço alto que ele não queria pagar. Os cristãos coríntios deveriam ter defendido Paulo usando provas extraídas das experiências que tiveram com o apóstolo. **Eu devia ter sido louvado por vós; porquanto em nada fui inferior a esses tais apóstolos**.

A última frase pode ser uma repetição sarcástica do que os “falsos apóstolos” disseram sobre ele: **Ainda que nada sou**. Por outro lado, essas palavras podem expressar a autoavaliação sincera de Paulo diante da glória de Cristo, talvez até quando se comparou com os apóstolos de Cristo em Jerusalém, “os mais excelentes apóstolos” [RC].

Gilbert Murray comentou:

A humanidade ainda não decidiu qual dos dois métodos opostos conduz ao conhecimento mais pleno e mais profundo do mundo: o estudo paciente e empático do bom cidadão que nele vive, ou a visão extática do santo que o rejeita<sup>10</sup>.

A humanidade provavelmente nunca deixará de comparar os homens e as mulheres que vivem

<sup>10</sup> Gilbert Murray, “Failure of Nerve” em *The World Treasury of Modern Religious Thought*, ed. Jaroslav Pelikan. Boston: Little, Brown and Co., 1990, p. 47.

em estruturas sociais e tentam modificá-las para o bem, muitas vezes a passos imperceptivelmente lentos, com os visionários que, em sua indignação moral, não veem outro caminho a não ser o da destruição e morte. Jesus ensinou Seus seguidores a viver neste mundo, sem, contudo pertencer a ele. Paulo não se desviou disso. Ele seguiu os passos de Jesus, que exortou os crentes a viver com responsabilidade e, ao mesmo tempo, realizar mudanças efetivas e perceber a realidade do mal.

**Versículo 12.** O registro de Lucas sobre a passagem de Paulo por Corinto em Atos 18 não menciona milagres realizados pelo apóstolo. As Epístolas indicam que atos miraculosos acompanhavam Paulo por onde quer que ele fosse. Em Gálatas 3:5, ele disse: “Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura, o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?”. Atos não se concentra em feitos milagrosos operados por Paulo. No entanto, lemos que ele feriu Elimas com cegueira em Chipre (13:11), curou um coxo em Listra (14:9) e ressuscitou um jovem em Trôade (20:10). Lucas parece pressupor que os milagres acompanhavam a pregação apostólica. Mais importante é que tanto Jesus como os apóstolos usaram feitos milagrosos para confirmar a veracidade da mensagem que proclamavam e para demonstrar a compaixão do Deus a quem serviam (João 5:36; Hebreus 2:4).

Na opinião de Paulo, os sinais e maravilhas que ele fizera deveriam ter sido suficientes para inspirar os coríntios a agirem em sua defesa. **Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência**, escreveu ele. Então, como que para esclarecer, acrescentou: **por sinais, prodígios e poderes miraculosos**. Nada faltou aos coríntios quando receberam o evangelho anunciado por Paulo. Os mesmos tipos de sinais que acompanhavam a pregação dos “tais apóstolos” de Jerusalém acompanharam a pregação de Paulo. Em vez de se levantar em defesa de Paulo quando os “falsos apóstolos” o difamaram, os coríntios permaneceram neutros. Não o defenderam. O apóstolo deixou implícito que era vergonhoso pessoas boas permanecerem caladas diante de injustiças e calúnias.

**Versículo 13.** Paulo argumentou que a obra de Deus por meio dele entre os coríntios comprovava que ele não tratara os cristãos dali como **inferiores às demais igrejas** em nenhum aspecto. Ele, sem dúvida, estava respondendo a uma crítica levanta-

tada por adversários. Aparentemente, a recusa em aceitar sustento financeiro foi interpretada como um insulto. O verbo ἡττάομαι (*hēttāomai*, “ser levado a sentir-se menos importante”<sup>11</sup>), alternadamente grafado ἡσσάομαι (*hēssaomai*), em todo o Novo Testamento, só ocorre aqui e em 2 Pedro 2:19, onde se refere a ser vencido pelo pecado. Aqui, o contexto sugere que significa “ser tratado pior”<sup>12</sup> ou “ser tratado como inferior”. O apóstolo usou a forma adjetiva do vocábulo em 2 Coríntios 12:15, traduzida por “menos”. Os oponentes de Paulo teriam alegado que Paulo menosprezara os coríntios ao recusar sustento financeiro e que essa recusa comprovava que a igreja só tinha recebido um evangelho parcial. Esses oponentes afirmavam que o “evangelho” deles é que era completo.

Os “falsos apóstolos”, como Paulo os chamou em 11:13, alegavam ensinar o que o apóstolo deixara de ensinar. A resposta de Paulo foi enfática. Ele negou que os coríntios estivessem aquém das demais igrejas no que dizia respeito ao conhecimento elementar do evangelho, porém admitiu que ele agira diferente com eles: não recebera nenhum sustento financeiro. Paulo negou que essa diferença de tratamento implicasse que eles eram inferiores. Os coríntios só foram privados de sustentar Paulo para ele não ser **pesado** para a igreja. O apóstolo optou por pagar suas despesas pessoais com outra fonte. Movido pela ironia provocada pela reação deles, Paulo rogou: **Perdoai-me esta injustiça**. O sarcasmo fazia parte da mensagem; demonstrava a insensatez de pensarem que o apóstolo agira errado.

#### **“NÃO OS VOSSOS BENS, MAS VÓS OUTROS” (12:14–18)**

Dando continuidade à tônica do “discurso de um louco”, Paulo partiu para comentários intensamente pessoais. A relação de um bom professor com os aprendizes é sempre pessoal. Fé e confiança são fatores essenciais no ensino e aprendizagem. Na seção 12:14–18, o apóstolo usou catorze vezes o pronome pessoal “eu”; duas delas nos versículos 15 e 16, na forma enfática, típica da língua grega, ἐγώ (*egō*, “eu”). As perguntas retóricas dessa seção forçaram os leitores a encarar as críticas levantadas contra o apóstolo.

As visitas de Paulo a Corinto, as cartas que ele

escreveu, mensagens trocadas entre ele e a igreja – tudo isso testemunhava sua recusa de entregar a igreja a outros mestres portadores de outras mensagens. Ele havia ensinado àqueles irmãos a redenção de Deus mediante a fé em Jesus de Nazaré e não os entregaria à escravidão da lei.

O apóstolo estava prestes a realizar a terceira visita à igreja em Corinto. As críticas decorrentes de sua decisão de recusar sustento financeiro da igreja coríntia haviam passado dos limites. Paulo tinha convicção de que tomara a decisão certa e ansiava por ter uma reunião positiva com a igreja, porém estava com medo. Insistiu no firme relacionamento que tinha com a igreja, repetidamente testado e reafirmado. Ele não argumentou mostrando-se complacente. Investira tanto na edificação dos cristãos de Corinto. Se trocassem a mensagem da graça de Cristo, modificando o evangelho, com o judaísmo étnico, Satanás venceria a batalha.

**<sup>14</sup>Eis que, pela terceira vez, estou pronto a ir ter convosco e não vos serei pesado; pois não vou atrás dos vossos bens, mas procuro a vós outros. Não devem os filhos entesourar para os pais, mas os pais, para os filhos. <sup>15</sup>Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol da vossa alma. Se mais vos amo, serei menos amado? <sup>16</sup>Pois seja assim, eu não vos fui pesado; porém, sendo astuto, vos preendi com dolo. <sup>17</sup>Porventura, vos explorei por intermédio de algum daqueles que vos enviei? <sup>18</sup>Roguei a Tito e enviei com ele outro irmão; porventura, Tito vos explorou? Acaso, não temos andado no mesmo espírito? Não seguimos nas mesmas pisadas?**

Versículo 14. Eis que, pela terceira vez, estou pronto a ir ter convosco, pode ser interpretado de duas maneiras: 1) “Eis que, pela terceira vez, estou me preparando para ir até vocês”, ou 2) “Eis que estou pronto para ir até vocês pela terceira vez”. A primeira possibilidade sugere que as tentativas anteriores falharam. Paulo poderia estar, pela terceira vez, fazendo planos de visitar a cidade. A segunda interpretação indica que ele já estivera lá duas vezes. Estava se preparando para uma terceira visita concreta.

A interpretação que se atribuir à sentença inicial do versículo determinará a identidade do homem a quem Paulo exortou os coríntios a perdoar e consolar em 2:7. No caso de ser esse o mesmo homem descrito em 1 Coríntios 5:1 (o homem que

<sup>11</sup> Bauer, p. 441.

<sup>12</sup> Ibid.

vivia com a mulher de seu pai), é improvável que Paulo tenha voltado a Corinto desde o estabelecimento da igreja ali (Atos 18:1–17). Isso significaria que a descrição do homem em 2 Coríntios 2:5–11 é uma observação complementar à admoestação em 1 Coríntios 5. Nesse caso, a implicação de uma visita à igreja em Corinto feita às pressas, quando ele saiu de Éfeso, em 2 Coríntios 2:1, deve ser descartada, e o envio de uma carta a essa igreja entre 1 e 2 Coríntios é improvável. Esse raciocínio requer que a “terceira vez” que Paulo previu visitar a cidade seja apenas de caráter intencional. Em outras palavras, esta seria a terceira vez que ele estaria pronto para visitar a cidade, e não sua terceira visita em pessoa.

A alegação de que Paulo esteve em Corinto apenas uma vez antes de escrever 2 Coríntios encontra sérios obstáculos. Primeiro, não há razão para atribuir às palavras de Paulo em 12:14 algo além do que elas dizem: “...pela terceira vez, estou pronto a ir ter convosco”. Mais tarde, o apóstolo repetiu claramente em 13:1: “Esta é a terceira vez que vou ter convosco”, acrescentando uma referência à segunda visita. Assim se dirimem todas as dúvidas. É verdade que Atos 19 não sinaliza uma visita a Corinto partindo de Éfeso, porém é mais fácil explicar o silêncio de Lucas do que identificar a viagem a Corinto que Paulo mencionou em 2 Coríntios 2:1–3 com sua estada ali referida em Atos 18. Lucas não esteve com Paulo em Éfeso, e a ida a Corinto era irrelevante para seu registro. O fato de Lucas não mencionar uma viagem de Éfeso a Corinto é compreensível.

Nos versículos iniciais de 2 Coríntios 2, Paulo se referiu a uma viagem anterior a Corinto, quando foi ter com os irmãos “em tristeza”, e “entristeceu” a igreja. O apóstolo estava decidido a não ir até eles dessa forma novamente. Nada em Atos 18 sugere que a experiência geral de Paulo em Corinto num período de dezoito meses devesse ser classificada como “triste”. Ele não poderia estar se referindo aos judeus o entregarem perante o tribunal de Gálio (Atos 18:12). A igreja não teve parte nisso. Nada há na pregação e ensino de Paulo em Corinto que o levasse a avaliar a estada de dezoito meses anos como um período de tristeza. No entanto, a expectativa de Paulo de uma terceira visita à cidade permite a dedução de que tenha ocorrido uma segunda visita “em tristeza”. Na hipótese de ser essa terceira visita real que o apóstolo referiu em 12:14, o homem em 2:6 provavelmente era al-

guém que tinha resistido ao apóstolo na segunda vez que ele esteve em Corinto.

Paulo se referiu à próxima visita à igreja em Corinto como a terceira a fim de enfatizar aos irmãos sua contínua preocupação. Num aspecto, ser a terceira visita era secundário; em outro aspecto, era determinante. Paulo nunca deixou a impressão de que se sentia menosprezado porque a igreja não contribuíra com seu sustento financeiro. Ele sempre se comportou de maneira honrosa em relação ao dinheiro. Em 1 Coríntios 16:1–3, Paulo deu instruções sobre a coleta que estava arrecadando. Ele reforçou esse pedido em 2 Coríntios 8 e 9. O projeto de levar uma coleta dos cristãos gentios para a igreja em Jerusalém exigiu que ele solicitasse e incentivasse a participação dos cristãos. A troca de dinheiro entre Paulo e a igreja coríntia tinha muito a ver com as palavras do apóstolo registradas nesta seção, 12:14–18.

Os oponentes provavelmente estavam criticando Paulo por pedir dinheiro, e essas críticas evocavam uma reação. Acusavam Paulo de arrecadar dinheiro para si mesmo. A reação dele aos coríntios foi: **e não vos serei pesado; pois não vou atrás dos vossos bens, mas procuro a vós outros.** Paulo posicionou-se como um pai a cuidar de seus filhos. O apóstolo não tinha interesse no que os irmãos possuíam; sua preocupação era com eles. Era-lhe obvio que **não devem os filhos entesourar para os pais, mas os pais, para os filhos.** Os pais sustentam os filhos. Paulo, o “pai”, não estava pedindo, não havia pedido e não tinha a intenção de pedir aos coríntios que lhe suprissem as necessidades materiais.

**Versículo 15.** Paulo sinalizou que agira como um pai para os coríntios. Ele não tinha dúvidas quanto à sua recusa de sustento financeiro no passado, nem quanto à coleta para os cristãos pobres da Judeia naqueles dias. No que dizia respeito ao futuro, a consciência de Paulo estava limpa: **Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol da vossa alma.** A palavra traduzida por “almas” é o plural de ψυχή (*psuchē*, “vida, alma”). É uma palavra complicada que, ora representa a parte imaterial do homem que sobrevive à morte (Lucas 12:20), ora representa a própria vida física (Mateus 2:20).

Os oponentes tentaram retratar o comportamento de Paulo como uma ação astuta, porém ele negou as acusações. A coleta que ele estava fazendo para os pobres da Judeia não era um estratage-

ma para juntar dinheiro e gastar consigo mesmo. O apóstolo perguntou retoricamente: **Se mais vos amo, serei menos amado?** Ele ainda estava pedindo aos coríntios que comparassem sua história de vida com a de seus críticos. Ele já tinha demonstrado em atos mais amor, mais firmeza, mais abnegação do que eles. Como podiam dar ouvidos tão rapidamente a mestres que haviam acabado de entrar em cena?

A confiança que os coríntios tinham na pessoa de Paulo e no seu compromisso com a veracidade de sua mensagem eram notáveis. A igreja hoje, infelizmente, ignora este ponto. Por mais importantes que sejam as doutrinas abstratas, e por mais fundamental que seja uma confissão de fé para a igreja, os cristãos tendem a julgar a veracidade do que ouvem segundo a opinião daqueles que as anunciam.

**Versículo 16.** Paulo nunca foi desonesto ou injusto com os irmãos. É possível que ele tivesse reservas financeiras pessoais para custear suas próprias despesas. Em todo caso, outras igrejas enviaram doações para suprir suas necessidades (11:8). A intensidade de seus sentimentos sobre o assunto fica evidente pelo número de vezes que o retomou. Ele já esperava gastar com os coríntios acima de suas posses e dos recursos fornecidos por outros. Ele estava empenhando a própria vida pela igreja coríntia, pois a amava como um pai aos filhos.

Certos oponentes acusaram Paulo de desonestidade. Eles disseram que ele alegava estar juntando uma oferta para os pobres da Judeia, quando, na verdade, o dinheiro iria direto para o seu bolso. Paulo citou tais acusações: **Pois seja assim, eu não vos fui pesado; porém, sendo astuto, vos prendi com dolo.** Apesar de todo o amor que ele demonstrara pelos irmãos, apesar de toda a sua recusa em sobrecarregá-los com cuidados financeiros, seus oponentes persistiam na tentativa de classificar Paulo na mesma categoria dos filósofos profissionais que entravam e saíam do meio dos coríntios. Paulo, segundo eles, era um charlatão cuja verdadeira natureza estava se revelando. Chamaram o apóstolo de *πανουργος* (*panourgos*, “astuto”). O adjetivo (usado aqui na forma substantivada) se refere literalmente a um canalha e só tem esta ocorrência no Novo Testamento, mas o substantivo correspondente, *πανουργία* (*panourgia*, “astúcia”), ocorre quatro vezes nas cartas de Paulo. Anteriormente nesta carta, Paulo usou o vocábulo duas ve-

zes (4:2; 11:3). Em 4:2, assim como neste versículo, ele associa ser “astuto” ou praticar “astúcia” com dolo. Anteriormente, o apóstolo havia mencionado a astúcia com que a serpente havia enganado Eva (11:3). As outras ocorrências são em 1 Coríntios 3:19 e Efésios 4:14, que advertem os cristãos a não se comportar de um modo astuto ou serem enganados por pessoas que agem assim. Os adversários de Paulo, não o próprio Paulo, estavam enganando os cristãos em Corinto. Eram eles que planejavam impor aos cristãos gentios o peso da lei. Eles, não ele, estavam agindo como a serpente que enganou Eva no jardim.

**Versículos 17 e 18.** Paulo continuou a confirmar seu amor pelos coríntios, e que sua intenção consistia somente em conduzi-los à redenção mediante Cristo. Ele não agira sozinho nesse intento, por isso, dirigiu-se, a seguir, aos que haviam trabalhado com ele. Pediu que seus leitores avaliassem seus motivos e julgassem a acusação dos adversários contra ele mesmo e contra seus companheiros de trabalho enviados por ele a Corinto como seus porta-vozes.

Tito e outro irmão enviado por Paulo a Corinto são mencionados em 8:16–18. Esses dois homens provavelmente entregaram a epístola de 2 Coríntios à igreja. Tito ou esse irmão alguma vez se aproveitaram dos coríntios? Agiram movidos por ganância? Paulo prosseguiu, perguntando: **Porventura, vos explorei por intermédio de algum daqueles que vos enviei?** A pergunta em grego foi formulada de maneira a prever um enfático “não” como resposta. O apóstolo nada fizera para justificar aquela suspeita.

Adversários de Paulo em Corinto aproveitaram duas atitudes do apóstolo para alegar que ele era incoerente. Primeiro, ele se recusara a receber da igreja algum sustento financeiro. Depois, estava pedindo que a igreja juntasse uma coleta para os pobres da Judeia e a entregasse aos seus cuidados. Querendo difamá-lo, o acusaram de recusar qualquer coisa parecida com um salário somente como uma maneira não muito sutil de ganhar a confiança da igreja. Esses inimigos supunham que a contribuição para a “caridade” totalizaria muito mais do que o salário de um mestre ou pregador, e afirmavam que a verba que Paulo afirmava ser para os pobres cristãos da Judeia acabaria indo para os seus próprios cofres. Eles não acreditam que a coleta que Paulo estava fazendo tivesse um projeto altruísta.

Paulo disse: **Roguei a Tito e envieí com ele outro irmão.** A igreja em Corinto conhecia Tito. Aparentemente, os cristãos da cidade tinham um bom relacionamento com ele (7:14, 15). O irmão que Paulo enviou para acompanhar Tito também tinha reputação ilibada em Corinto e com cristãos de outras cidades. Paulo perguntou se eles haviam usado os coríntios para se enriquecerem. Daí, pediu que o julgassem da mesma maneira. Paulo e seus associados estavam agindo como charlatães? Estavam servindo a si mesmos? O apóstolo parecia dizer: “Pensem bem no assunto. Recusem-se a ouvir sem pensar as acusações dos que se opõem a mim”. **Porventura, Tito vos explorou? Acaso, não temos andado no mesmo espírito?**, perguntou Paulo. Na segunda pergunta, ele se inclui: **Não seguimos nas mesmas pisadas?** O comportamento de Paulo não era coerente com o de Tito e do outro “irmão”? A primeira pergunta, assim como a do fim do versículo 17, exigia uma resposta negativa. Na tradução da RA, ficou evidente o recurso da pergunta retórica, deixando implícitas as respostas.

Apesar do que os críticos de Paulo alegavam, a recusa de receber sustento da igreja em Corinto e o desejo de conseguir o apoio da igreja para a coleta que ele estava promovendo para os pobres da Judeia eram totalmente coerentes. No entanto, esses críticos tinham suas segundas intenções. Eles queriam impor aos crentes gentios as exigências que a lei impunha aos judeus étnicos. A oposição deles a Paulo não se baseava em motivos puros.

#### “FALAMOS EM CRISTO” (12:19–21)

Por um momento, Paulo relaxou a intensidade da fala dirigida a adversários e amigos. Não era seu costume se defender, atacar os críticos, relacionar as aflições que ele suportou por causa do evangelho ou descrever as bênçãos que Jesus lhe dera através de visões. O apóstolo foi constrangido a exibir suas credenciais a pessoas que haviam testemunhado os seus esforços por Cristo (veja 3:2). Dada a atmosfera em Corinto e a disposição de alguns membros para com o apóstolo, ele mudou a direção do seu raciocínio. A intenção maior não era autodefesa. Ele não tinha nada a ganhar pessoalmente confrontando os oponentes. Estava preocupado em edificar a igreja. Estava escrevendo com o objetivo de visitar a cidade em breve e recordava muito bem o desconforto da última visita a Corinto (2:1–6). Esperava que sua terceira visita pudesse curar algumas feridas. Acima de tudo, Paulo que-

ria que os coríntios a quem ele havia ensinado fossem mais fortes no Senhor.

<sup>19</sup>**Há muito, pensais que nos estamos desculpando convosco. Falamos em Cristo perante Deus, e tudo, ó amados, para vossa edificação.** <sup>20</sup>**Temo, pois, que, indo ter convosco, não vos encontre na forma em que vos quero, e que também vós me acheis diferente do que esperáveis, e que haja entre vós contendas, invejas, iras, porfias, detrações, intrigas, orgulho e tumultos.** <sup>21</sup>**Receio que, indo outra vez, o meu Deus me humilhe no meio de vós, e eu venha a chorar por muitos que, outrora, pecaram e não se arrependeram da impureza, prostituição e lascívia que cometeram.**

**Versículo 19.** Na NVI Paulo inicia esta seção com uma pergunta: “Vocês pensam que durante todo este tempo estamos nos defendendo perante vocês”. A RA coloca a fala de Paulo no formato de uma afirmação franca: **Há muito, pensais que nos estamos desculpando convosco.** Se a interpretação da NVI estiver correta, a repreensão implícita de Paulo foi um pouco mais forte do que parece na RA. As palavras do apóstolo indicam que aqueles que pensavam que ele e seus companheiros estavam se defendendo estavam enganados. A pergunta parece mais incisiva tendo em vista as referências sarcásticas de Paulo a estar sendo “astuto” e receber os irmãos “com dolo” (veja 12:16).

Independentemente de Paulo ter iniciado esta seção com uma declaração ou com uma pergunta, a mensagem é a mesma: se os coríntios pensavam que Paulo só estava tentando elevar-se na presença da igreja, estavam completamente equivocados. **Falamos em Cristo perante Deus, e tudo, ó amados, para vossa edificação,** escreveu ele. No centro da mensagem de Paulo estava a igreja, e não ele próprio. A despeito do tom sarcástico, os cristãos de Corinto eram seus filhos amados. Assim como Jesus se recusa a abandonar Seu povo, Paulo se recusava a abandonar a congregação de Corinto. Ele não tinha outra intenção senão ajudá-los a participarem também das promessas de Cristo.

Tal como em outros trechos desta carta profundamente pessoal e sentimental, Paulo tomou Deus por testemunha da veracidade do que ele estava escrevendo (“perante Deus”). Várias vezes na carta, os juramentos são explícitos ou implícitos (veja 1:12, 18, 23; 2:17; 11:10, 31; 12:19). Deus era o avalista da veracidade de tudo o que o apóstolo

lo estava dizendo. O apóstolo havia apresentado a sua ἀπολογία (*apologia*, “defesa”); porém, num sentido mais amplo, ele não apresentou nenhum argumento fundamentado para se justificar. C. K. Barrett escreveu:

...uma defesa [ou autodefesa] é um texto elaborado pelo próprio réu, para promover seus interesses e apresentá-lo ao indivíduo que parece estar na posição de emitir um julgamento (*perante vós*). E essa não era de forma alguma a intenção de Paulo. Ele não estava sentado no banco dos réus em um tribunal de Corinto [veja 1 Coríntios 4:3].<sup>13</sup>

O apóstolo estava perfeitamente ciente de que Deus era quem julgaria a veracidade de suas palavras. Em última análise, seu veredito estava nas mãos de Cristo (veja 2 Coríntios 5:10; Romanos 14:4).

**Versículo 20.** Preocupava ao apóstolo o clima em que se daria sua eminente terceira visita aos coríntios (12:14; 13:1). **Temo, pois, que, indo ter convosco, não vos encontre na forma em que vos quero, e que também vós me acheis diferente do que esperáveis.** Se o tempo que passasse com os irmãos nessa terceira visita não fosse o ideal, aquele não seria seu primeiro descontento. Provavelmente era difícil para Paulo limpar a mente do que havia acontecido na visita anterior, descrita em 2:1–4, a qual o entristeceu. Ele queria se reunir com a igreja coríntia num ambiente saturado de amor e respeito mútuos. Juntos partilhariam o vínculo da fé em Cristo. É compreensível que ele estivesse apreensivo com a possibilidade de encontrar esses cristãos menos do que receptivos. Temia, assim, ver a igreja ainda vacilando entre o evangelho que ele havia pregado e as exigências dos mestres judeus. A preocupação de Paulo era que as circunstâncias o obrigassem a agir sobretudo como um disciplinador.

Entre os versículos 19 e 20, Paulo mudou da primeira pessoa do plural “nós” para o singular “eu”. Os fatores preocupantes imediatos eram: 1) o objetivo dos mestres da Judeia de impor aos cristãos coríntios o jugo da lei mosaica, 2) as tentativas desses mestres de difamar o apóstolo como um seguidor de Jesus de Nazaré mal orientado e 3) as acusações de que ele estava manipulando a igreja visando a autoenriquecimento.

<sup>13</sup> C. K. Barrett, *The Second Epistle to the Corinthians*, Harper’s New Testament Commentaries. Nova York: Harper & Row, 1973, p. 328.

O primeiro fator preocupante talvez fosse o mais desconcertante para o apóstolo. A diferença entre ele e os mestres judaizantes era mais do que a circuncisão e as leis sobre alimentação. Os cristãos judaizantes tinham motivos ocultos, além dos requisitos étnicos, para impor a lei mosaica aos crentes gentios. Os cristãos judeus eram propensos a julgar que Paulo e seus aliados negligenciavam exigir que os gentios abandonassem os vícios que eram habituais na cultura greco-romana. A acusação “pratiquemos males para que venham bens” em Romanos 3:8 talvez fosse um sentimento judaico difundido entre os que acreditavam que Paulo facilitara para os gentios se tornarem seguidores de Deus.

A lei mosaica tratava as questões morais de uma forma mais definida do que o fazia a mensagem de graça e reconciliação. Obedecer a um “não farás” carregava menos ambiguidade do que “aquele que tem dúvidas é condenado se comer” (Romanos 14:23). Debaixo da lei, quem vivia imoralmente tinha que entender que Deus exigiria justiça. Já neste mundo, Deus faz sobrevir castigo aos desobedientes. Quem era tentado por imoralidade sexual ou ganância precisava admitir que o benefício encontrado na tolerância dessa prática precisava ser contrabalançado com o preço que ele viria a pagar quando Deus o julgasse. Nesse sentido, o cristianismo não é tão simples quanto as exigências da lei. Os cristãos, declarou Paulo, devem se arrepender. Jesus deseja que Seu povo abandone toda imoralidade; além disso, Ele quer que deixemos de amar a imoralidade. A salvação pela graça mediante a fé não é tão explícita quanto a proibição profética.

A lista de pecados apresentada no fim de 2 Coríntios 12 pode equivaler às opiniões judaicas sobre a imoralidade dos gentios. A sensibilidade do apóstolo às acusações de que ele era tolerante com relação ao pecado provavelmente explica os termos que ele usou. Ele dividiu a lista em duas partes, a primeira relacionada aos pecados que os próprios mestres judeus pareciam tolerar. Na opinião de Paulo, eles eram os pais das **contendas** e de pecados afins: **invejas, iras, porfias, detrações, intrigas, orgulho e tumultos**. ANVI diz aqui: “brigas, invejas, manifestações de ira, divisões, calúnias, intrigas, arrogância e desordem”.

**Versículo 21.** A segunda viagem a Corinto, que aconteceu sem planejamento prévio e às pressas, consolidou um momento decisivo na relação en-

tre Paulo e os crentes dali. Foi esse encontro que deu o tom à epístola de 2 Coríntios, mas Paulo reservou seus comentários diretos sobre as consequências dessa segunda visita para trechos dos capítulos 2 e 7. Quando identificou seus adversários em Corinto no capítulo 12, o apóstolo fez alusão a algumas consequências de sua segunda viagem à cidade. Alguns fatos o traumatizaram. Sentimentos profundos e palavras penetrantes povoavam suas lembranças. **Receio, escreveu ele, que, indo outra vez, o meu Deus me humilhe no meio de vós.** No ensejo de exaltar a Cristo e edificar a igreja em Corinto, ele já tinha se exposto às críticas de seus inimigos. Sem fazer questão de proteger sua reputação pública, ele expôs o curso dos eventos futuros diante de Deus.

No início desta carta, Paulo deixou claro que a segunda viagem a Corinto fora marcada por calúnias [“detrações”], intrigas e tumultos. Independentemente da intenção daquela visita, ela acabou sendo uma experiência dolorosa (2:1–3). Em particular, um indivíduo não identificado pelo nome denunciou Paulo sem rodeios. Talvez esse homem não gostasse do apóstolo por motivos pessoais, mas é provável que ele tenha acusado Paulo por causa dos ensinamentos do apóstolo. Paulo disse que esse irmão “não o fez apenas a mim, mas... em parte a todos vós” (2:5). A igreja em Corinto, felizmente, teve muitos membros que se mostraram firmes contra essa crítica. O apóstolo escreveu: “Basta-lhe a punição pela maioria” (2:6). O agravo que Paulo sofreu desse irmão “que fez o mal” (7:12) ainda o afligia à medida que ele contemplava a terceira viagem (12:21). Paulo sentiu-se humilhado na segunda visita e orava para que isto não acontecesse novamente.

A segunda parte da lista de pecados aborda a tolerância a pecados na área sexual: **impureza, prostituição e lascívia que cometeram.** A NVI diz aqui: “impureza, imoralidade sexual e libertinagem”. Paulo havia trabalhado no contexto da graça e da fé visando tirar os gentios de Corinto dessa pecaminosidade; mas as mudanças estavam sendo lentas, como evidencia 1 Coríntios. Os mestres judeus não toleravam a lentidão. Além de exigirem

que os gentios abandonassem a libertinagem sexual enraizada no mundo greco-romano, insistiam na circuncisão e na observância das leis relativas à alimentação. Paulo, muito mais do que os mestres judeus vindos da Judeia, estava disposto a ajudá-los a desenvolver vidas piedosas num processo gradual. Ele relutava em simplesmente excluir crentes sinceros que estavam na transição para uma vida santa. As listas de pecados sugeridas pelo apóstolo teriam sido aprovadas por seus oponentes judeus. O tumulto instalado na igreja de Corinto e a tolerância à imoralidade eram as principais preocupações. Paulo comunicou claramente – para o bem tanto dos mestres judeus como dos cristãos coríntios – que a imoralidade sexual não era a única maneira de desagradar a Deus. Instigar contendas e tumulto era uma forma de sabotar a edificação de comunidades cristãs e desagradar a Deus.

Não sabemos ao certo a que tipo de humilhação Paulo foi exposto na visita anterior, mas a restauração do homem a quem Paulo queria que a igreja “perdoasse e confortasse” (2:7) devia compor o caso. Um fato particularmente doloroso para Paulo foi que seu crítico, seu ofensor, não agiu sozinho. A maioria dos membros da igreja confrontou e disciplinou o homem, mas alguns aliados permaneceram apoiando em seus erros. Talvez a irmandade ainda estivesse ressentida com o irmão “que fez o mal”. Um dos propósitos da epístola atual era garantir que sua próxima visita não lhe causasse tamanha tristeza. Paulo, obviamente, não se satisfiz unicamente com o fato de os coríntios terem corrigido os problemas espirituais que afligiam a igreja. Quando os cristãos da Judeia apontaram falhas em Paulo, o ideal seria que a igreja, em uníssono, o defendesse e elogiasse. Isso não aconteceu (veja 12:11). Até os irmãos que acreditavam em Paulo se omitiram. Os coríntios se deixaram absorver por disputas de autoridade, relativas a questões morais e falsas doutrinas. Alguns que **outrora, pecaram e não se arrependeram** poderiam vir a culpar o apóstolo ainda mais. Não é de admirar que ele estivesse apreensivo com a próxima visita a Corinto.

Autor: Duane Warden  
© A Verdade para Hoje, 2021  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS